Penalva do Castelo
Câmara Municipal

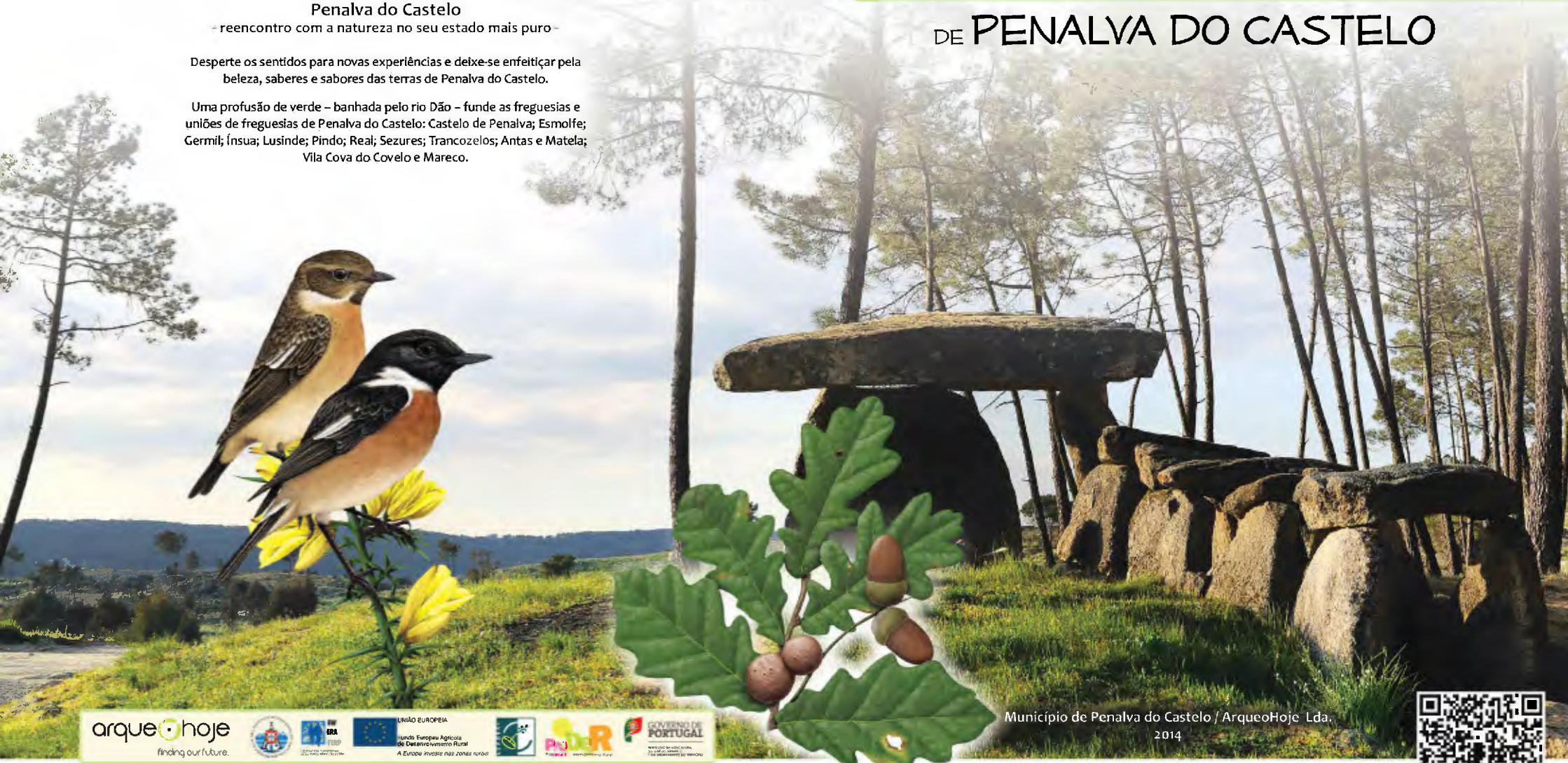
REDE DE PERCURSOS CULTURAIS DE PENALVA DO CASTELO

Penalva do Castelo

- reencontro com a natureza no seu estado mais puro -

Desperte os sentidos para novas experiências e deixe-se enfeitiçar pela beleza, saberes e sabores das terras de Penalva do Castelo.

Uma profusão de verde – banhada pelo rio Dão – funde as freguesias e uniões de freguesias de Penalva do Castelo: Castelo de Penalva; Esmolfe; Germil; Ínsua; Lusinde; Pindo; Real; Sezures; Trancozelos; Antas e Matela; Vila Cova do Covelo e Mareco.



Município de Penalva do Castelo / ArqueoHoje Lda.
2014

arqueohoje
finding our future.

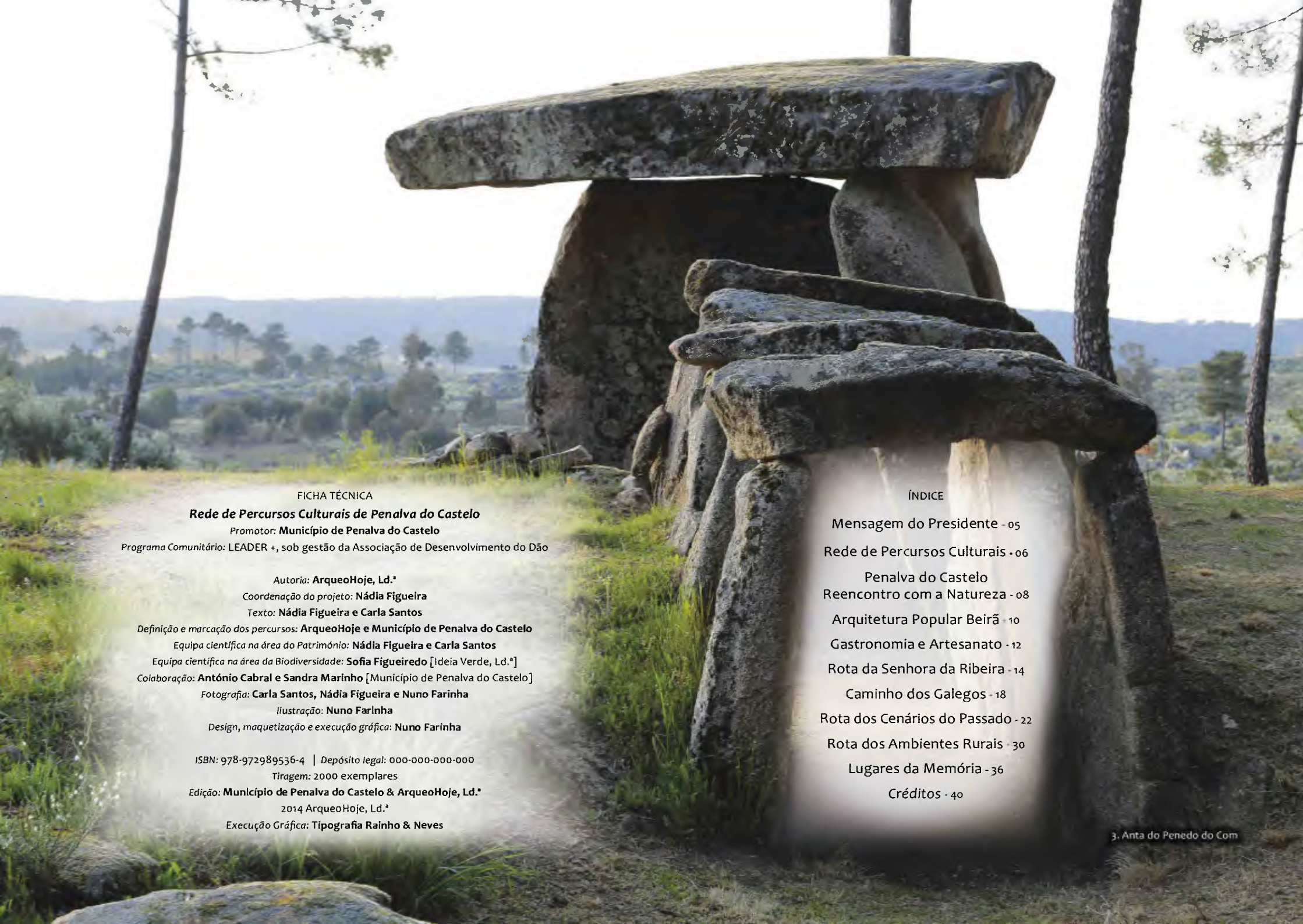
UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural
A Europa investe nas zonas rurais

GOVERNO DE PORTUGAL

ISBN 978-972989536-4

1. Rio Dão

2. Guarda-rios



FICHA TÉCNICA

Rede de Percursos Culturais de Penalva do Castelo

Promotor: **Município de Penalva do Castelo**

Programa Comunitário: LEADER +, sob gestão da Associação de Desenvolvimento do Dão

Autoria: **ArqueoHoje, Ld.ª**

Coordenação do projeto: **Nádia Figueira**

Texto: **Nádia Figueira e Carla Santos**

Definição e marcação dos percursos: **ArqueoHoje e Município de Penalva do Castelo**

Equipa científica na área do Património: **Nádia Figueira e Carla Santos**

Equipa científica na área da Biodiversidade: **Sofia Figueiredo** [Ideia Verde, Ld.ª]

Colaboração: **António Cabral e Sandra Marinho** [Município de Penalva do Castelo]

Fotografia: **Carla Santos, Nádia Figueira e Nuno Farinha**

Ilustração: **Nuno Farinha**

Design, maquetização e execução gráfica: **Nuno Farinha**

ISBN: 978-972989536-4 | *Depósito legal:* 000-000-000-000

Tiragem: 2000 exemplares

Edição: **Município de Penalva do Castelo & ArqueoHoje, Ld.ª**

2014 ArqueoHoje, Ld.ª

Execução Gráfica: **Tipografia Rainho & Neves**

ÍNDICE

Mensagem do Presidente - 05

Rede de Percursos Culturais - 06

Penalva do Castelo
Reencontro com a Natureza - 08

Arquitetura Popular Beirã - 10

Gastronomia e Artesanato - 12

Rota da Senhora da Ribeira - 14

Caminho dos Galegos - 18

Rota dos Cenários do Passado - 22

Rota dos Ambientes Rurais - 30

Lugares da Memória - 36

Créditos - 40

3. Anta do Penedo do Com

RECOMENDAÇÕES

- Evite andar sozinho;
- Siga sempre pelos trilhos sinalizados;
- Mantenha a tranquilidade dos locais;
- Não abandone o lixo, leve-o até ao local de recolha mais próximo;
- Respeite a propriedade privada;
- Não danifique a flora;
- Observe a fauna à distância, com binóculos;
- Cuidado com o gado que, embora manso, não gosta da aproximação de estranhos às suas crias;
- Desfrute da natureza, evitando fazer barulhos;
- Não faça fogueiras;
- Seja afável com os habitantes locais, esclarecendo quanto à atividade em curso e as respetivas marcas;
- Não colha amostras de plantas ou rochas.

EQUIPAMENTO NECESSÁRIO

- Roupa confortável, conforme a estação do ano;
- Um impermeável ou corta-vento, sobretudo no Outono/Inverno;
- Calçado adequado: desportivo ou botas de caminhada de sola grossa;
- Boné ou chapéu para se proteger do frio ou do sol;
- Mochila para transportar alguma roupa suplementar, água e produtos alimentares;
- Protetor solar.

Mensagem do Presidente

O concelho de Penalva do Castelo encerra inegáveis potencialidades turísticas, alicerçadas tanto na diversidade do seu vasto património arquitetónico e cultural como na beleza sedutora dos recantos naturais e magníficas paisagens aprimoradas por sucessivas gerações de laboriosos Penalvenses.

O território é um mosaico singular da Natureza! No seu estado quase virginal ou humanizada, a nossa vista repousa na paisagem, matizada ora de floridos campos e vinhedos ora de pomares verdejantes envoltos no suave manto da floresta que se alonga pelas encostas e cumeadas. O mavioso chilrear das aves cruzando a vastidão dos céus e o marulhar das águas que sulcam os campos são acordes da deleitosa harmonia que este rincão da beira oferece ao visitante.

Penalva do Castelo é um destino interessante e singular para o visitante que aprecia a calma reconfortante da Natureza, que se deleita com a paleta multicolor com que se reveste a paisagem e com os aromas genuínos que derrama, que gosta de desfrutar de ambientes campestres e de se embrenhar no coração das aldeias de cujas janelas ainda espreita uma hospitalidade prazenteira. Cordialidade e hospitalidade são traços genuínos destas gentes beirãs, onde a cultura popular e os ofícios tradicionais vão resistindo à voracidade civilizacional.

A gastronomia típica e variada encontra no precioso vinho "Dão de Penalva do Castelo" uma perfeita combinação, a que a genuína maçã Bravo de Esmolfe e o Queijo da Serra conferem a excelência dos verdadeiros manjares.

O concelho ganha acrescidas potencialidades com a conversão da "Casa da Ínsua" (Solar dos Albuquerques, de estilo barroco – século XVIII) num Hotel de Charme 5 estrelas, realizada pelo Grupo de renome internacional Visabeira.

A Câmara Municipal (em articulação com a ADD – Associação de Desenvolvimento do Dão e contando com financiamento do programa LEADER+) acaba de concretizar uma Rede de Percursos Culturais – executada pela ArqueoHoje, Ld.ª – cujo objetivo essencial é a conservação e valorização do património concelhio, proporcionando aos Penalvenses e visitantes a fruição deste aprazível território e a experiência memorável do convívio com as suas hospitaleiras gentes.

Atualmente, Penalvenses e visitantes podem contar com quatro Rotas Pedestres e duas Rotas de Estrada – espelhando a diversidade cultural e natural do concelho – que são descritos nesta brochura editada pela Câmara Municipal de Penalva do Castelo: são, sem dúvida, um excelente incentivo para qualquer caminheiro ou viajante que gosta de desfrutar destes ambientes amenos, que encerram tradições, mistérios e encantos.

Aceite o desafio! Parta à Aventura e deixe-se seduzir! Penalva ComVida!

Um abraço amigo!

Francisco Lopes de Carvalho

4. Ponte Medieval de Trancozelos / Rio Dão

Eternize as suas vivências! Leve consigo e compartilhe um pouco de Penalva do Castelo

A Rede de Percursos Culturais de Penalva do Castelo – promovida pelo Município de Penalva do Castelo e executada pela ArqueoHoje, Ld.ª – surge na sequência da implementação de um plano integrado, procedente da ação "Conservação e Valorização do Património Rural". Este projeto é enquadrável no Subprograma 3 do PRODER [Programa de Desenvolvimento Rural] e privilegia a abordagem LEADER+., baseada na gestão pelos parceiros locais GAL [Grupo de Ação Local] /ADD [Associação de Desenvolvimento do Dão], promovendo a qualidade de vida nas zonas rurais e a diversificação das suas atividades económicas.

Esta pretensão incorpora valências de projetos anteriores, implementados há vários anos no terreno e que, deste modo, serão dinamizados.

É neste contexto que surgem no concelho de Penalva do Castelo quatro Rotas Pedestres e duas Rotas de Estrada que espelham a diversidade cultural e natural deste território.

Rota Lugares da Memória - circuito 1 (C1 - 41 km)
Tema central: ambiente rural e ambiente agrícola.

Rota Lugares da Memória - circuito 2 (C2 - 34 km)
Tema central: vinhas e rio Dão.

5. Mapa das Rotas de Estrada

6. Búteo ou águia-de-asa-redonda
(*Buteo buteo*)

PR1 - Rota da Senhora da Ribeira (2,3 km)
Tema central: rio Dão e ambiente de floresta.

PR2 - Caminho dos Galegos (7 km)
Tema central: caminho de Santiago e ambiente agrícola.

PR3 - Rota dos Cenários do Passado (8 km)
Tema central: ambiente agrícola, geologia e arqueologia.

PR4 - Rota dos Ambientes Rurais (12 km)
Tema central: ambiente rural e rio Dão.

7. Mapa das Rotas Pedestres

8. Planalto beirão

Desperte os sentidos para novas experiências e deixe-se enfeitiçar pela beleza, saberes e sabores das terras de Penalva do Castelo. Uma profusão de verde – banhada pelo rio Dão – funde as freguesias e uniões de freguesias de Penalva do Castelo: Castelo de Penalva; Esmolfe; Germil; Ínsua; Lusinde; Pindo; Real; Sezures; Trancozelos; Antas e Matela; Vila Cova do Covelo e Mareco.

O concelho, de fortes raízes com a terra, manifesta a sua pura ruralidade através dos homens e mulheres que, seduzidos por uma imensa perseverança, trabalham arduamente os campos, transformando difíceis solos em extensas vinhas, vigorosos pomares e excelentes olivais. Por estas terras, o rigor do inverno não se sente pela força e dedicação destas gentes ao trabalho. Mas ao cair da noite, chega o frio que gela a água dos poços, fontes e ribeiros e a geada que, ao raiar do dia, proporciona o vislumbrar de um cenário campestre indescritível.

Nas encostas dos montes debruçados sobre os verdejantes vales, atravessados por límpidos rios e ribeiras de puras águas, encontramos uma população atarefada no esmerado trabalho das vinhas, produtoras do famoso Vinho do Dão, e dos pomares da mais aromática e saborosa das maçãs, a Bravo de Esmolfe.

Numerosos cursos de água retalham-nas, vivificam-nas e contribuem para o rude encanto destas paisagens, onde outrora abundavam soutos de magníficos castanheiros e bosques de possantes carvalhos. Atualmente, os pinhais cobrem extensas áreas deste território, dispondo de um importante peso na economia rural, através da exploração da resina, da lenha e da madeira. Nalguns pontos surgem ainda frondosos bosques de seculares castanheiros e carvalhos, proporcionando uma refrescante sombra nas tardes quentes de verão e constituindo excelentes habitats, ricos em biodiversidade.

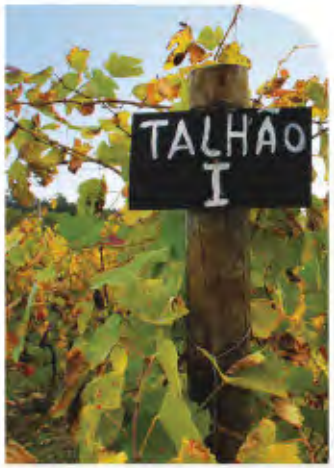
Percorrendo estes locais repletos de história e tradição, o viajante irá descobrir um património arquitetónico, arqueológico e paisagístico ímpar, revelando-lhe o encanto de diversas capelas, ermidas, igrejas, solares, antigas quintas delimitadas por muros de granito, pontes, cruzeiros, moinhos de água e espigueiros, entre tantas outras preciosidades.

Sobranceiro ao rio Dão, num magnífico vale pontilhado por vinhas, surge aquele que é considerado o primeiro Mosteiro da Ordem do Santo Sepulcro [Trancozelos] na Península Ibérica, fundado no século XII, nos alvores da nacionalidade. Contemplando-o, assim mergulhado no silêncio, quase se consegue ouvir o convocar do sino e imaginar os monges no seu quotidiano. A fé destas gentes beirãs é bem forte, manifestando-se na comemoração do dia dos seus padroeiros, organizando festas, procissões e romarias que aliam a fé popular a ritos e costumes profanos, destacando-se a de Santo Ildefonso [Esmolfe], Feira da Maçã Bravo de Esmolfe [Esmolfe], Santa Eufémia [Trancozelos], Festa das Vindimas [Sezures], Feira/Festa do Pastor e do Queijo [Penalva do Castelo] e a Feira da Castanha e do Vinho [Pindo].

Pelos caminhos e estradas ou nas suas encruzilhadas, surgem, a ladeá-los, as alminhas, marcas profundas da religiosidade popular, indicando ao viajante o local de falecimento de alguém, pedindo-lhes uma última oração e lembrando que a vida terrena não é eterna.

9. **Mosteiro do Santo** Sepulcro (Trancozelos)

10-11. Vinhedos do Dão (Pindo)



Uma grande diversidade paisagística e cultural, aliada a uma gastronomia de inegáveis sabores e aromas fazem deste concelho uma região magnífica para o ecoturismo, proporcionando descanso e lazer, privilegiando a tranquilidade, o contacto com a natureza e com as simpáticas e hospitaleiras gentes locais.

Aproveite e siga os trilhos da natureza! Desfrute de longas caminhadas por florestas e aldeias perdidas no tempo. Contemple a beleza serena da paisagem mesclada por rebanhos de ovelhas bordaleiras, produtoras do leite do mais famoso dos queijos – o Queijo da Serra.

Para uma experiência plena, pernoite numa casa de turismo rural ou numa das unidades hoteleiras e deixe-se envolver pelo espírito ancestral, usufruindo de ambientes tradicionais e sofisticados.

12. Vista sobre Esmolfe (ao centro) e Penalva do Castelo (ao fundo)

Ao longo das diversas localidades que estes percursos atravessam, o visitante contacta com alguns elementos típicos, extremamente importantes para a compreensão da evolução destas povoações e do mundo rural. Os exemplares arquitetónicos que chegaram até aos nossos dias revelam uma harmonia singular, combinando na perfeição materiais de caraterísticas locais com a simplicidade das formas.

O granito e a madeira de pinho, carvalho ou castanho eram a matéria-prima nobre utilizada na edificação destes belíssimos imóveis, de valor intrínseco incalculável. As suas paredes exteriores – e muitas vezes as portas e janelas – eram caiadas com cores tradicionais que, com o passar dos tempos, caíram no esquecimento, surgindo, aqui e ali, pequenos testemunhos de azul-cobalto, vermelho sangue de boi, branco cal ou ocre.

A casa típica da Beira Alta desenvolve, no seu exterior, o característico balcão das habitações rurais beirãs, espaço onde se secava o milho, amadurecia a fruta e se adormecia nas noites quentes de verão. Com cunhais e ombreiras esculpidos de grandes blocos graníticos e coberturas com telhas de meia cana, a casa beirã desenvolve-se ao longo de dois pisos. A loja, situada no piso térreo, funciona como local de armazenagem dos produtos agrícolas e/ou abrigo dos animais e, no piso superior, acessível por uma escadaria em pedra, encontra-se o pequeno quarto e a cozinha com lareira, assumindo um papel crucial como elemento de reunião da(s) família(s). Aí preparam-se as refeições, aquecem-se os corpos enregelados pelo inverno, convive-se, fuma-se a carne de porco e seca-se a lenha ou as castanhas, nos caniços.

Nos séculos XVI/XVIII, as famílias mais abastadas procuraram afirmar o seu apogeu através da construção de novos imóveis – os solares – que, aliando imponência, graciosidade, poder e volumetria, se destacavam no meio rural. A Casa da Ínsua [Ínsua] ou o Solar dos Malafaias [Pindo], entre outros, são disso exemplo. A arquitetura popular é ainda marcada pela presença de inúmeros espigueiros, sequeiros, eiras e moinhos de água, verdadeiros testemunhos da intensa faina agrícola de outrora.

Os espigueiros ou canastros são estruturas de pedra e madeira, destinadas à recolha e armazenamento das espigas de milho com o objetivo de as proteger da humidade do ar e do solo, assim como das devastações das aves e roedores. Ao mesmo tempo, asseguram a necessária ventilação do seu interior, através das fissuras deixadas entre as aduelas. Assentes em pilares que os elevam do solo – sobre os quais se distendem os esteios que suportam toda a estrutura (dinteles) e onde se encaixam as aduelas de granito – os espigueiros caraterizam-se por uma câmara estreita e alongada, coberta por um telhado de duas águas. Na envolvente, e conferindo-lhe uma beleza paisagística ímpar, surgem as eiras, normalmente lajeadas, onde se secam, malham, trilham e limpam os cereais.

Durante vários séculos, as populações construíram moinhos de água para moerem os cereais, aproveitando a força das águas que corriam abundantemente no rio Dão e em pequenos ribeiros. A construção de um moinho implicava um investimento avultado, propiciando a existência de vários proprietários, conhecidos como herdeiros, que os utilizavam mediante uma calendarização pré-estabelecida entre todos. Os moinhos eram espaços de convergência e de convívio, deslocando-se até às suas imediações lavadeiras, pastores, pescadores e simples visitantes.

Os muros de divisão de propriedade, elemento de destaque nos campos verdejantes, surgem como marca da antropização da paisagem, símbolos do limite entre o espaço interior de alguns e exterior de outros, fator de definição de pequenos cosmos individuais, estruturas que nascem da geologia do próprio solo e que se petrificam como escrita, cujas regras muitas vezes já esquecemos. Por aqui é utilizada a alvenaria de pedra seca ou insossa na edificação dos muros, consistindo numa técnica que dispensa o uso da argamassa e requer cuidado na execução do travamento das pedras, através do encaixe primoroso das mesmas.

O granito é o elemento em que a Natureza foi mais pródiga e generosa para os construtores da região, pródiga pela abundância com que o fez emergir em terras da Beira e generosa pelas qualidades excecionais com que o dotou.

13. Moinho de rodízio
Esquema geral

A. Levada de água
B. Grade de filtragem
C. Estrutura do rodízio
D. Engenho de moagem

De personalidade vincada e hospitaleira, as gentes de Penalva do Castelo refletem a herança de tradições ancestrais. Manifestações desta identidade são as diversas festas e romarias do concelho que ocorrem durante todo o ano, mostrando a fé destas gentes. Deixe-se contagiar pela alegria das danças e cantos, pela cor dos trajes típicos ou pela agitação em dia de festa, animada pelos fogueteiros de Lusinde que, com a simplicidade dos seus estrondosos foguetes, festejam um santo ou efeméride feliz.

Nas mãos habilidosas dos artesãos, que persistentemente trabalham os materiais da natureza, dando-lhes vida, desvende a alma deste povo. Aprecie os tradicionais trabalhos de cestaria, latoaria e escultura, cuja arte passa de geração em geração.

Mestres de saber e de arte, os esteireiros de Vila Cova do Covelo, no fim do verão, colhiam a junça nos valejos da serra, construindo, nos longos serões dos meses frios, entrançados sem fim para o uso e decoração de habitações, igrejas, armazéns e adegas. A cestaria de Vales, de esmerada execução, e os afamados latoeiros de Pindo e Matela surgem em diversos mercados da região, divulgando os seus minuciosos trabalhos e a excelência dos artesãos deste concelho. Refiram-se ainda as maravilhosas esculturas e cantaria em granito, de Esmolfe, e os estalinhos de Carnaval de Cantos, afamados pela sua singularidade e mistérios que envolvem.

A Maçã Bravo de Esmolfe é a celebridade do concelho em todas as suas facetas e um importante impulsionador económico da agricultura. Fruto de elevada qualidade, distingue-se pelo sabor e aromas intensos, extremamente sumarenta e doce, com uma polpa macia e uma cor inconfundível. Promotor das tradicionais e apetitosas compotas, que fazem crescer água na boca, este fruto é também um excelente acompanhante de carnes suculentas.

Terra de pastores e de rebanhos – que durante séculos percorreram vales e serras à procura do melhor pasto – Penalva do Castelo faz parte da região demarcada do Queijo da Serra. Produzido, artesanalmente, por mãos experientes, o queijo encerra em si incalculáveis saberes que culminam numa saborosa fatia, acompanhada por pão caseiro – cozido em forno de lenha – bolo de azeite ou boroa de milho, elemento indispensável na mesa beirã. Amanteigado, de aroma forte e sabor delicado, é uma especialidade gastronómica do concelho e o companheiro inseparável do pão e do vinho.

O vinho, néctar por excelência, desempenha uma centralidade em qualquer refeição beirã e, em Penalva do Castelo, essa importância é ainda maior, uma vez que o seu peso na economia local é muito significativo. Produzido há centenas de anos, os vinhos elaborados neste território, de cor rubi ou citrina e frutado forte, são reconhecidos, a nível nacional, como DOC Dão. Em plena região demarcada do Dão, o vinho branco ou tinto é um néctar de eleição, repleto de sabores e sensações, que ganha entusiastas de dia para dia, fazendo da sua degustação um ritual de prazer e de excelência.

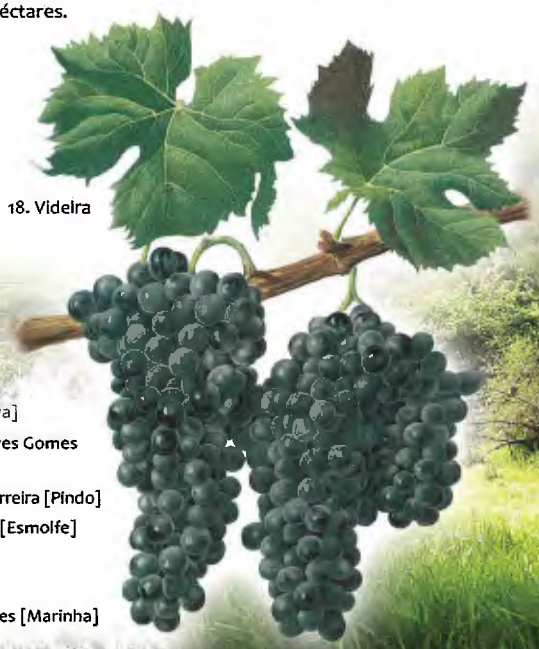
Outro elemento fundamental na gastronomia e na economia rural beirã é o azeite. Das vetustas oliveiras recolhem-se – à mão, ou com o auxílio de longas varas – pequenas azeitonas que, depois de prensadas no lagar, dão lugar ao sublime líquido, que impera nos temperos e na confeção gastronómica.

Entre muitas opções, à refeição aproveite para saborear um estaladiço e saboroso cabrito assado no forno, um arroz de míscaros com costelas em vinha-de-alhos, um feijão branco com carne de porco da salgadeira ou o clássico arroz de grelos com chouriça caseira. Complemente a sua refeição com um pastel de feijão Castendo, confecionado com mestria e, acima de tudo, amor.

Ao visitante sugere-se ainda que se entregue às iguarias da cozinha de Penalva do Castelo e saborele os tentadores paladares regionais, das carnes suculentas à doçaria regional, passando pelo amanteigado Queijo da Serra. A estas aliam-se os produtos regionais de qualidade, que fazem da mesa beirã um despertar de sabores e paladares. Aproveite ainda para percorrer as quintas e adegas que encerram em si os mistérios destas vinhas e para degustar verdadeiros néctares.

16. Oliveira

17. Maçã Bravo de Esmolfe



18. Videira

Artesãos do concelho de Penalva do Castelo

Cestaria - Sílvio Fernandes [Vales, Castelo de Penalva]

Entrançado de cordas e madeira - Joaquim Gonçalves Gomes [Quinta do Sargaçal, Pindo]

Latoaria - Vasco da Silva [Matela]; João do Carmo Ferreira [Pindo]

Escultor de granitos - Isidro Manuel Gomes Batista [Esmolfe]

Estalinhos de Carnaval - Emílio Gouveia Lopes [Cantos de Baixo, Castelo de Penalva]

Réplica de monumentos em miniatura - Paulo Soares [Marinha]

19. Margens ribeirinhas do Dão

ROTA DA SENHORA DA RIBEIRA

A freguesia de Pindo situa-se na parte este do concelho de Penalva do Castelo, fazendo fronteira com os concelhos de Mangualde e Viseu. Desde tempos remotos que o Homem escolheu estas terras para aí habitar, sendo prova disso os vestígios romanos e as sepulturas antropomórficas medievais existentes na igreja paroquial.

Segundo a tradição, em 1340, foi erigido por Gonçalo Esteves de Tavares um hospício para "(...) *24 pobres honrados ou envergonhados, ou inválidos, de honesta vida e bons costumes* (...)" que se situava na povoação da Corga. Contudo, são quase inexistentes os testemunhos documentais que possam comprovar este facto. No princípio do século XVI, o Cadastro da População do Reino apontava a freguesia de Pindo como uma das mais povoadas do concelho.

Em 1706, era vigaria do Padroado Real e possuía 957 habitantes. Posteriormente, em 1758, eram-lhe atribuídos 311 fogos, 1194 pessoas de sacramento e menores, sendo a freguesia com maior número de habitantes de todo o concelho. Neste mesmo ano, a freguesia possuía três lagares de azeite e nove moinhos de panificação. Pindo foi Comenda da Ordem de Cristo e, aquando da realização dos inquéritos paroquiais, era comendador desta terra D. Francisco de Mascarenhas, Conde de Cocolim e membro do Conselho de El Rei, falecendo nesse mesmo ano e revertendo os seus bens para a corte, a 7 de Novembro de 1758.

A passagem por esta aldeia rural tipicamente beirã permite ao visitante a vivência de uma povoação repleta de história(s), onde os principais protagonistas são os pomares, os olivais e as vinhas, motivadores da azáfama destas gentes.

Este percurso pedestre tem início na Capela da Senhora da Ribeira, um dos principais santuários desta freguesia e local de grande devoção. Em 1703, este antiquíssimo lugar de culto é renovado, iniciando-se um conjunto de obras de remodelação. Três anos mais tarde, a 15 de Agosto de 1706, procedeu-se à translação da imagem de Nossa Senhora, com toda a solenidade e cerimónia. Mais tarde, em 1758, o Pároco Manuel Ferreira afirmava que este templo fazia a "(...) *sua festa a quinze de Agosto com muitas ofertas, e numero de gente* (...)". Na segunda metade do século XX, sofreu obras de restauro que lhe conferiram o aspeto atual.

20. Rio Dão

21. Rota da Senhora da Ribeira (percurso pedestre)

TERRITÓRIO

Um forte contraste marca este espaço, onde o rio Côja encontra o Dão e os concelhos de Viseu, Mangualde e Penalva do Castelo têm a sua fronteira. Ao longo desta área é bem visível a presença do Homem, testemunhada pela atividade agrícola que aqui se desenvolve, fortemente favorecida pela dinâmica proporcionada pelo interface rio/terra. Esta já antiga ação humana permitiu a manutenção de uma diversidade de biótopos nesta zona que, por serem detentores de importantes recursos naturais, continuam a ser explorados pelo Homem. Estes biótopos são ainda de grande importância ecológica, albergando uma grande diversidade faunística e florística.

Por este território é bem visível a ocupação do solo por uso agrícola: predomina o cultivo da vinha, macieira, oliveira e castanheiro, que ocupam uma vasta área agrícola e constituem as principais atividades económicas do concelho.

No curso natural e nas margens do rio Côja são visíveis fortes marcas da utilização deste recurso hídrico pelo Homem, exibindo uma característica essencial que contribui para o valor ecológico deste habitat: a presença constante de vegetação ripícola nas suas margens, destacando-se os salgueiros, os amieiros e as silvas, com as suas amoras carnudas.

O salgueiro (género *Salix*) e o amieiro (*Alnus glutinosa*) têm como habitat preferencial as planícies e zonas de grande concentração hídrica, resistindo a altos níveis de encharcamento, sendo usualmente encontrados próximo da água ou com raízes emersas nesta. Crescem ao longo de ribeiros, rios e em florestas de caducifólias húmidas. Este tipo de vegetação, típica de zonas húmidas, revela-se muito importante para as mais variadas espécies de aves, anfíbios e artrópodes, oferecendo-lhes abrigo, alimento e condições para nidificar.

Em termos ambientais, estas espécies autóctones promovem os ciclos de reciclagem de nutrientes, proteção de sistemas agrícolas sensíveis e podem até reduzir os riscos de erosão dos solos e ainda beneficiar os regimes hidrológicos, conservando a biodiversidade.

FAUNA E FLORA (*)

Toda esta área geográfica é densamente ocupada por uma vasta população de avifauna que pode ser identificada pelo canto próprio de cada espécie, reconhecendo-se, primeiramente, o gaio-comum (*Garrulus glandarius*), pela sua receção caracteristicamente barulhenta e aguda, alertando toda a floresta da chegada de visitantes. Pode-se ainda ouvir a gralha-preta (*Corvus corone corone*) com canto parecido ao do gaio, mas um pouco mais grave.

O melro-preto (*Turdus merula*), de canto melodioso e melancólico, caracteriza-se por um pio limpo e sonoro, quase sempre muito vistoso, de penas pretas e bico amarelo. Possui um canto muito nervoso e insistente, com chamamentos curtos e duros: TICK, como se estivéssemos a dar corda a um relógio.

O pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*) não é nada tímido ou discreto, envergando um belíssimo fato, sendo os adultos facilmente reconhecíveis pelo seu peito e testa cor de laranja. Nesta zona são observados, frequentemente, no topo de árvores ou arbustos, junto ao rio Côja.

Apesar de pouco observados, é também possível escutar o canto de chapins (*Parus* sp.), mais ou menos acelerado, vocalizando um CHAPI-CHAPI-CHAPI. O guarda-rios (*Alcedo atthis*) reproduz-se ao longo dos rios e ribeiros lentos, onde o ninho é escavado, identificando-se facilmente pela sua grande cabeça, bico comprido e cores vistosas: verde e azul brilhantes, nas partes superiores, e laranja avermelhado, na parte inferior. É habitualmente observado empoleirado nos ramos por cima da água e debaixo de pontes, sendo visto, com frequência, nas proximidades do rio Côja.

Entre a comunidade piscícola do rio Dão, encontram-se espécies migradoras como a enguia (*Anguilla anguilla*), a boga (*Chondrostoma duriense*), o bordalo (*Leuciscus pyrenaicus*) e o pimpão (*Carassius* sp.). A rela (*Hyla arborea*), a rã-verde (*Rana perezi*) ou o sapo (*Bufo bufo*) realçam a sua presença, emitindo coaxares, principalmente na época de reprodução. Ao longo dos anos, a pesca no rio Dão tem vindo a intensificar-se, acarretando sérios riscos de extinção para muitas espécies.

(*) "ArqueoHoje (2007), PR1/PC Percurso Pedestre da Senhora da Ribeira, Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Pindo."

22. Pinhais com subcoberto de fetos

23. Melro-preto (*Turdus merula*)

24. Chapim-azul (*Parus caeruleus*)

25. Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*)

Os carvalhos (*Quercus* sp.), incluindo-se no grupo das folhosas caducifólias, são as espécies dominantes da maioria das florestas temperadas. A intervenção do Homem vai no sentido de introduzir coníferas e exóticas nas florestas desta região, com a finalidade de tornar a floresta produtiva do ponto de vista económico (recolha de madeira e produção de papel para vários setores).

Uma situação mais ou menos generalizada, no nosso país, é o investimento na floresta de produção – por norma, feito à base de coníferas e exóticas, neste caso de eucaliptos – devido à procura do lucro a curto prazo, contrastando com as espécies autóctones, com baixo interesse económico, apenas viáveis em lenha ou por razões de delimitação e parcelamento de propriedades com sebes vivas.

O eucalipto (*Eucalyptus* sp.) é uma árvore considerada exótica, de crescimento rápido, sendo intensamente utilizado na indústria de papel e conotada como prejudicial aos solos, pela exploração excessiva de recursos hídricos e nutrientes. Trata-se de uma espécie muito usada em solos húmidos, não resistindo a um frio intenso.

O pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) encontra-se um pouco por toda esta zona, mas também aqui se verificam as alterações no povoamento florestal que, nas últimas duas décadas, têm ocorrido um pouco por todo o país: o pinheiro-bravo, tradicionalmente a espécie mais representativa, tem vindo a ser substituído pelo eucalipto. Esta espécie é pouco exigente a nível dos solos: pode ser plantada em solos pobres, calcários ou arenosos, amplamente usada na indústria da construção, pasta de papel e produção de resina, sendo detentora de grande importância económica e a principal fonte da indústria de serração e aglomerados. De facto, o pinheiro-bravo – juntamente com o sobreiro (*Quercus suber*) e o eucalipto – são as três espécies de maior interesse económico.

CAMINHO DOS GALEGOS / ROTA DE SANTIAGO

Longe vão os tempos em que caminhantes percorriam poeirentos trilhos em busca de Santiago de Compostela. No concelho, mantém-se o testemunho do Caminho dos Galegos [Mareco], uma antiquíssima e desgastada via, cujo nome indica a fé daqueles que iam em peregrinação até à Galiza. Durante séculos, por aqui passaram inúmeros viajantes, peregrinos e almocreves que traziam os bens no burrico e as novidades das suas viagens.

O Caminho dos Galegos, a determinada altura, esteve para ser destruído, mas a pronta e eficaz ação dos técnicos na sua identificação, conjugada com a vontade de diversas entidades e instituições, permitiram salvar um património ímpar. Exemplo único da salvaguarda de um raro património rural, o Caminho dos Galegos é agora um circuito pedestre para todos os que gostam do contacto com a natureza e apreciam as práticas turístico-desportivas de ar livre.

TERRITÓRIO

O percurso do Caminho dos Galegos desenvolve-se ao longo de um belíssimo vale, encaixado entre a serra da Lapeira e o Cabeço de Vela, onde os prados verdejantes albergam uma pastorícia secular, os sentidos adquirem novos significados e o simples tocar dos sinos nos reporta para tempos idos. Ao calcorrear este trilho, o pedestrianista usufrui de um contacto privilegiado com a natureza, descobrindo locais místicos e de rara beleza, onde a paisagem antropizada contrasta com o espaço ribeirinho e as manchas florestais. Estas paisagens – humanizadas pela atividade agro-silvo-pastoril que nelas se desenvolve – detêm grande importância económica e contribuem para a conservação da natureza e da biodiversidade.

As áreas rurais proporcionam diversos locais de abrigo e de alimentação para muitas espécies de avifauna, tornando-se essencial a manutenção destas atividades económicas tradicionais e das infraestruturas de apoio a ela associadas como, por exemplo, palheiros, celeiros, muros e poços.

Parta à descoberta e experiencie uma antiga vivência, ao atravessar o rio de Ludares pelas ancestrais poldras de granito, única forma de transpor esta linha de água, a pé enxuto. O desgaste, que apresentam, testemunha a passagem de inúmeras gentes por estas paragens, ao longo de muitos anos.

Deixe-se envolver pela música que a água debita na passagem pelas poldras, pelo chilrear das aves que aqui vêm saciar a sua sede e pelo coaxar das rãs que fazem destas águas o seu habitat.

26. Caminho dos Galegos
Mareco

27. "Antigo Hospital dos Peregrinos"
Caminho dos Galegos – Quinta da Boiça

28. Rota do Caminho dos Galegos
(percurso pedestre)

CAMINHO DE SANTIAGO

O Caminho dos Galegos é constituído por um excelente lajeado de acentuada antiguidade, desgastado por múltiplas passagens e profundamente marcado pelos rodados dos carros de bois. Foi percorrido durante séculos por peregrinos e romeiros que caminhavam em busca de Santiago de Compostela [Galiza, Espanha] para prestar homenagem junto da sepultura do Apóstolo.

A freguesia de Mareco foi, durante séculos, propriedade da Ordem de Santiago, sendo os seus habitantes "*reguengueiros encabeçados*". Nesta localidade, existe a antiga Casa da Ordem, que possui gravada na ombreira da porta uma estilizada cruz de Santiago, cruzada por dois cajados de peregrino. Num cenário natural de rara beleza, o Caminho dos Galegos faz parte de um vasto conjunto de vias que percorrem a Península Ibérica e a Europa, denominados Caminhos de Santiago.

Do século IX até aos nossos dias, a maior parte da rede viária de Portugal foi testemunha da peregrinação das gentes devotas, desde os diversos núcleos habitacionais portugueses até à meta compostelana, o designado *Campus Stellae* (Campo Estrela), tornando a cidade num ponto de encontro espiritual para diversos povos da Europa. Este denso e secular fluxo de pessoas permitiu também estabelecer estreitos laços de intercâmbio cultural, económico e de pensamento entre Portugal e a Galiza.

O Caminho Português de Santiago faz uso de trilhos antigos que cruzam bosques, campos agrícolas, aldeias, vilas e cidades históricas, assim como cursos de água, através de pontes, algumas deixadas pela ocupação romana. Ao longo dos locais de passagem destes caminhos de peregrinação e de fé, foram-se criando, em prol dos peregrinos, alminhas e cruzeiros, hospedarias, capelas, igrejas, mosteiros e hospitais, onde não faltava a reconfortante imagem de Santiago Peregrino. Por eles passaram multidões de gente anónima, caminheiros, viajantes, almocreves, mercadores, feirantes e romeiros, mas também, reis, nobres e clérigos.

Possuindo um inegável património natural e histórico, o Caminho dos Galegos é uma ótima sugestão para o visitante que privilegia o contacto direto com a natureza, através de uma prolongada caminhada por vales verdejantes e floridos.

FAUNA E FLORA

O Caminho dos Galegos encontra-se ladeado por pequenos campos de agricultura de subsistência, envolvidos por algumas manchas de pinhais (*Pinus syvestris*). Em termos arbóreos, podemos encontrar exemplares de oliveiras (*Olea europaea*), freixos (*Fraxinus augustifolia*), choupos (*Populus alba*), carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), amieiros (*Alnus glutinosa*) e salgueiros (*Salix alba*), entre outras espécies.

Ao longo do itinerário, podemos observar pequenos arbustos dos quais se destacam a urze (*Erica scoparia*), dedaleira ou sininhos (*Digitalis purpurea*), giestas (*Spartium junceum*), rosmaninho (*Lavandula stoechas*), tojo (*Genista triacanthos*), soagem (*Echium plantaginerum*) e erva-ursa (*Thymus mastichina*), entre muitas outras espécies de beleza singular.

A fauna mais significativa é constituída por coelhos (*Oryctolagus cunniculus*), lebres (*Lepus capensis*), raposas (*Vulpes vulpes*), esquilos (*Sciurus vulgaris*) e javalis (*Sus scrofa*). Com maior diversidade, a avifauna apresenta espécies como a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), melro-preto (*Turdus merula*), pardal (*Passer* spp), grifo (*Gyps fulvus*), corvo (*Corvus corax*) e pintassilgo (*Carduelis carduelis*).

29. Esquilo-vermelho (*Sciurus vulgaris*) - em baixo à esquerda
30. Raposa (*Vulpes vulpes*) - em baixo à direita

31. Via empedrada
Caminho dos Galegos

ROTA DOS CENÁRIOS DO PASSADO

A Rota dos Cenários do Passado tem início na Igreja Matriz de Esmolfe ou de Nossa Senhora da Conceição (século XVIII), tendo como tema central o ambiente rural e o seu património geológico e arqueológico. Neste percurso deambulamos por entre numerosos tesouros paisagísticos, patrimoniais e etnológicos, locais repletos de história e de alma.

Situada a nascente de Penalva do Castelo, Esmolfe encontra-se implantada entre o rio Dão e o Côja, desenvolvendo fortes aptidões agrícolas, com particular destaque para a produção da Maçã Bravo de Esmolfe e para as vinhas, que proporcionam a criação de um néctar ímpar, o vinho "Dão de Penalva do Castelo". Neste tranquilo percurso, o visitante pode apreciar e contemplar uma natureza que se renova constantemente, adquirindo diferentes tonalidades, consoante a estação do ano e levando ao despertar de todos os sentidos.

A par da beleza paisagística, também aqui o património arqueológico/histórico se destaca pela sua riqueza excecional, apresentando vestígios da ocupação pré-histórica (Anta do Penedo do Com e um conjunto de abrigos naturais) e proto-histórica (Castro de Paramuna e gravura rupestre). Os sítios das Eirinhas, da Capela e de S. Martinho, na área nordeste de Esmolfe, contêm nos seus terrenos um conjunto significativo de testemunhos da presença humana neste território, destacando-se uma ara romana anepígrafa, reaproveitada, posteriormente, como alminha e uma necrópole medieval, escavada na rocha, constituída por sepulturas antropomórficas, uma delas com o pormenor de individualização dos pés. Na arquitetura religiosa destacam-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e as capelas de Santa Clara (Fundo de Vila) e a de Santo Ildefonso, junto à qual se realiza a Feira da Maçã Bravo de Esmolfe, no 1º/2º fim de semana do mês de outubro.

No início desta rota, observe o magnífico exemplar de relógio de sol, esculpido em granito, e deleite-se a ver as horas, através de uma técnica ancestral.

Ao longo deste percurso existem vários pontos de lazer que poderão apoiar o pedestrianista.

36. Ruínas do Castro de Paramuna (junto ao marco geodésico e cruzeiro de Santo Ildefonso)

37. Rota dos Cenários do Passado (percurso pedestre)

TERRITÓRIO

A Rota dos Cenários do Passado apresenta uma paisagem deslumbrante, pontuada por um importante património geológico com os seus inúmeros penedos que lhe conferem uma topografia irregular.

Localizado na zona Centro-Ibérica, de acordo com as grandes zonas paleográficas e tectónicas do Maciço Hespérico, o concelho de Penalva do Castelo é caracterizado por formações eruptivas, metamórficas e sedimentares, anteriores à Era Secundária, predominando os terrenos graníticos, alternados com os grauvaques. Os granitos imperam em cerca de 70% da superfície total, dando continuidade ao grande manto granítico que se estende desde as terras minhotas.

De acordo com a Carta Geológica do território de Penalva do Castelo, esta região apresenta duas litologias dominantes, de metassedimentos câmbricos do Grupo do Douro do Supergrupo Dúrico-Beirão, anteriormente designado por Complexo Xisto-Grauváquico, e por rochas granitoides de Idade Hercínia. Predominam o granito de grão médio, de tendência porfiroide, e o granito biotitico-moscovítico de grão médio.

Esta região encontra-se implantada no quadrante nordeste da peneplanície de Viseu – delimitada a oeste pela serra do Caramulo e a sudeste pela serra da Estrela – inserida na bacia hidrográfica do rio Mondego, mais concretamente na sub-bacia do rio Dão. As elevações de Santo Ildefonso e Pedras Altas formam uma linha de cumeada, designada por serra da Paramuna, variando as altitudes entre os 450m e os 650m no quadrante ocidental e os 550m e os 700m no oriental.

O clima é caracterizado por um extenso período húmido, de setembro a junho, e um curto período seco, correspondente aos meses de julho e agosto, apresentando características mesomediterrânicas, com acentuada amplitude térmica anual e défice moderado de água no verão.

Inserido num território com um valiosíssimo potencial paisagístico, este trilho atravessa ainda verdejantes paisagens agrárias, contemplando-se viçosas hortas e lameiros, irrigados por corgos e ribeiras, transpostos por característicos muros de divisão de propriedade, sinais da presença humana nesta paisagem com forte cunho beirão.

FLORA

A Rota dos Cenários do Passado desenvolve-se ao longo de um espaço agrícola e florestal, constituindo um mosaico muito interessante do ponto de vista ambiental e paisagístico. O espaço agrícola caracteriza-se, essencialmente, pela cultura da vinha, olival e pomar, sendo visível nas zonas de prado, com alguma frequência, o pastoreio de cabras e ovelhas. No espaço florestal é evidente o predomínio do pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), árvore de crescimento rápido, mas de longevidade média, não indo muito além dos 200 anos. Devido ao grande interesse económico, esta espécie foi abundantemente plantada. Servia para produção de madeira, ação de proteção contra o vento e, devido ao seu enraizamento radical aprumado e profundo, agindo como fixador de solos.

Ao longo do percurso são também abundantes as folhosas, salientando-se o carvalho-roble (*Quercus robur*), carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) e castanheiro (*Castanea sativa*), com destaque, no troço inicial, para dois magníficos exemplares desta última espécie. Para além dos seus muito apreciados e saborosos frutos (a castanha), o castanheiro produz excelente madeira de cor escura, pesada e fácil de trabalhar, sendo amplamente utilizada na marcenaria, tanoaria, soalhos, tornearia, mobiliário e construção naval. As varas obtidas em talhadias de ciclo curto podem ser utilizadas em cestaria e outros objetos de verga. O eucalipto (*Eucalyptus globulus*) aparece com frequência em substituição do pinheiro bravo e das folhosas.

Na vegetação arbustiva poder-se-ão observar grandes manchas de giestas (*Cytisus multiflorus* e *C. striatus*) que, na sua época de floração, entre abril e junho, conferem um extraordinário valor paisagístico ao percurso, pela beleza e perfume das suas flores. Encontram-se também presentes, com bastante abundância, o tojo (*Ulex europaeus* e *Ulex minor*) e, em menor grau, a queiró (*Calluna vulgaris*), a torga (*Erica umbellata*), a urze-branca (*Erica arborea*), o rosmaninho (*Lavandula pedunculata*), a estevinha (*Cistus salvifolius*) e exemplares isolados de medronheiro (*Arbutus unedo*).

38. Castanheiro (*Castanea sativa*)

39. Matagais e matas mistas

41. Gilbardeira (*Ruscus aculeatus*)

40. Lódão-bastardo (*Celtis australis*)

42. Carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*)

Com menor frequência e de forma quase isolada, verifica-se a presença do trovisco (*Daphne gnidium*), ruda (*Adenocarpus complicatus*), gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), pilriteiros (*Crataegus monogyna*) e tintureira (*Phytolacca americana*), entre outras espécies.

Podem ainda observar-se, em grande quantidade, líquenes, musgos e fetos, assim como plantas da família das crassuláceas, que, de um modo geral, apresentam um porte rasteiro, folhas muito reduzidas, carnudas e caules flexíveis, associadas a espaços húmidos nas proximidades de zonas rochosas. Ao longo do trajeto, pelas características do subcoberto vegetal e pelas climáticas, é também possível observar vários tipos de espécies de cogumelos.

O percurso atravessa duas linhas de água de caráter sazonal – a ribeira de Sezures e a de Oronho – podendo observar-se espécies autóctones de vegetação ribeirinha como o salgueiro (*Salix* sp.), amieiro (*Alnus glutinosa*), lodão-bastardo (*Celtis australis*) e silvas (*Rubus ulmifolius*), entre tantas outras espécies.

FAUNA

Em termos faunísticos – e no que se refere à avifauna – a região possui uma grande diversidade de aves que podem ser reconhecidas pelo seu canto e pelas suas características como as cores e as formas, identificando-se:

• A perdiz-vermelha ou comum (*Alectoris rufa*) com aspeto de galináceo, em tons de cinzento, preto, branco e ruivo, salientando-se a garganta branca, orlada de negro, o ventre ruivo, o bico e as patas vermelhas. Os exemplares mais jovens possuem tons acastanhados;

• O gaio-comum (*Garrulus glandarius*), apresentando as penas das asas em azul, característica mais fácil de detetar nesta espécie, pois contrastam bastante com a tonalidade acastanhada do dorso e peito;

• A gralha preta (*Corvus corone corone*), uma ave de grande porte e completamente preta, diferenciando-se do corvo pelo seu tamanho menor, cauda quadrada e vocalizações mais longas ("kraa-kraa-kraa");

• O corvo (*Corvus corax*), também de cor preta e maior, apresentando uma cauda longa e cuneiforme, vocalização ("kro-kro") e, durante o voo, costuma planar e voar em círculos;

• O melro-preto (*Turdus merula*), identificando-se facilmente pela coloração geral preta, bico alaranjado e auréola amarelada em torno do olho (no caso dos machos). Tanto no macho como na fêmea, as patas e a cauda são compridas; as fêmeas e os exemplares jovens são acastanhados com algumas riscas discretas;

• O pisco-de-peito-ruivo (*Eritathacus rubecula*), identificando-se pela enorme mancha alaranjada que se estende desde a testa até ao peito e a contrastar com o abdómen branco e com o dorso e a nuca acastanhados;

• O chapim-azul (*Parus caeruleus*), apresentando o topo da cabeça azul, lista ocular preta e face branca, enquadradas por um colar preto que lhe confere uma máscara facial, típica de alguns chapins. O peito e o abdómen são amarelados, enquanto o dorso é cinzento-azulado. É uma espécie que frequenta meios florestais – em particular os carvalhais – aparecendo também em parques, jardins e pequenas áreas agrícolas, que nidifica em cavidades de árvores e muros;

• O chapim-de-poupa (*Parus cristatus*) ostentando plumagem castanha e branca, face branca, com uma risca preta e o mento igualmente preto. Os adultos possuem uma pequena poupa no alto da cabeça. Frequenta maciços arbóreos – pinhais, carvalhais, matas mistas e ribeirinhas – podendo aparecer ainda em urzais e giestais altos e densos. Nidifica em cavidades de árvores, como pinheiros e carvalhos;

• A poupa (*Upupa epops*), muito fácil de identificar pela sua crista com as pontas pretas, parecendo um leque quando se encontra levantada; possui asas pretas e brancas, cabeça e pescoço ocres. Frequenta, normalmente, pequenos bosques e terrenos agrícolas junto das aldeias, onde nidifica em buracos de árvores, muros ou edifícios;

43. Poupa
(*Upupa epops*)

44. Sapo-parteiro-comum
(*Alytes obstetricans*)

45. Musaranho-de-dentes-brancos
(*Crocidura russula*)

• O estorninho (*Sturnus unicolor*), facilmente reconhecível, podendo ser confundido com o melro, pelo facto de também ser escuro, com o bico amarelado. No entanto, a sua cauda é mais curta e a postura mais direita, distinguindo-se pelas patas rosadas e pelos tons esverdeados brilhantes no corpo. Nidifica em buracos nas árvores e nos telhados das casas.

• O pardal-comum (*Passer domesticus*), que coexiste perfeitamente com a presença do Homem. Os machos são caracterizados pelo babete preto, testa e coroa cinzentas e loros escuros; as fêmeas não possuem babete, nem os loros escuros, tendo penas castanhas e uma lista creme, desde o olho até à nuca.

Dos mamíferos terrestres, pode-se ter a sorte de conseguir observar várias espécies de musaranhos, o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europeus*), a toupeira (*Talpa occidentalis*), o coelho bravo (*Oryctolagus cuniculus*), a raposa (*Vulpes vulpes*), a doninha (*Mustela nivalis*), o fuinha (*Martes foina*) e o javali (*Sus scrofa*).

No que se refere a anfíbios, podemos observar a salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*), o tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*), o tritão-verde (*Triturus marmoratus*), o sapo-parteiro-comum (*Alytes obstetricans*), o sapo-corredor (*Bufo calamita*), o sapo-comum (*Bufo bufo*), a rela comum (*Hyla arborea*), a rã-castanha (*Rana iberica*) e a rã-verde (*Rana perezi*), entre outros. O nome *Amphibia* (anfíbios) traduz a possibilidade de estes animais habitarem o meio aquático e o terrestre.

Nos répteis salienta-se a presença do sardão (*Lacerta lepida*), lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*), lagartixa-do-mato-comum (*Psammodromus algirus*), cobra-de-pernas-de-três-dedos (*Chalcides striatus*), licranço (*Anguis fragilis*), cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*) e cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*), entre outros.

HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

A história dos núcleos populacionais por onde esta rota passa remonta a tempos longínquos, ignorando-se, ao certo, a altura em que, pela primeira vez, o Homem percorreu e ocupou as terras do atual concelho de Penalva do Castelo. Contudo, e ao longo dos finais do V milénio a.C. (Neolítico Médio/Final), assiste-se à presença de pequenas comunidades, tirando proveito daquilo que a natureza tinha para lhes oferecer – caça, pesca e recolha de bens alimentares disponíveis na paisagem por onde deambulavam. Comunidades seminómadas de pastores por excelência, deslocando-se periodicamente num determinado território de exploração, complementavam a sua subsistência com a prática de alguma agricultura. Habitavam locais naturais como abrigos sob rocha ou pequenas estruturas feitas à base de materiais vegetais e perecíveis.

A preocupação com a vida para além da morte levou-os a construir grandes túmulos de pedra – dólmens ou antas – reservados à deposição dos corpos ou restos ósseos de um número restrito de indivíduos, constituindo um magnífico exemplar a Anta do Penedo do Com. À maioria da comunidade reservavam-se os abrigos rochosos, as fossas abertas no solo ou a simples deposição.

Genericamente, e ao longo do IV/III milénio a.C. [Calcolítico], assiste-se ao desenvolvimento da economia agro-pastoril, adotando-se novas tecnologias como, por exemplo, o uso do arado, recorrendo à força da tração animal, que juntamente com a tecelagem, adquirem um papel fundamental, deixando os animais domesticados de constituir unicamente fonte alimentar. Regista-se ainda a ocorrência dos primeiros objetos metálicos, em cobre e ouro, e o aparecimento de povoados com uma utilização mais longa no tempo, por vezes fortificados, acentuando-se a afirmação social de alguns, a produção de excedentes e a intensificação das trocas comerciais.

Com a melhoria das condições de vida, e ao longo do II/I milénio a.C. [Idade do Bronze], os povoados estabilizam-se e neles investe-se cada vez mais, sendo disso exemplo o Castro de Paramuna. Contudo, as estruturas habitacionais continuam a ser muito rudimentares, utilizando-se preferencialmente materiais perecíveis, limitando as pedras quase sempre às sapatas, a pisos ou a estruturar buracos de postes. Procuram-se formações rochosas proeminentes na paisagem ou sítios naturais elevados de difícil acesso nos quais são edificados muretes de terra e pedras ou mesmo verdadeiras muralhas. O povoamento torna-se mais organizado e denso, intensificando-se os investimentos agrícolas e acentuando-se a metalurgia do bronze, fabrico da cerâmica, moagem, armazenagem, fiação, tecelagem e tratamento de peles ou couros.

46. Mamoa
Esquema geral

Dos tempos medievais, particular destaque para a presença de sepulturas escavadas na rocha, correspondendo a um ritual de inumação, cujo corpo, na maior parte dos casos, não se fazia acompanhar por qualquer tipo de espólio, sendo cobertas por uma tampa ou simplesmente por terra e pedras. Cronologicamente, inserem-se, na sua maioria, entre finais do século IX e meados do século XI, podendo recuar até aos séculos VI/VII e, excecionalmente, avançar até ao século XIII.

A orientação é bastante diversificada, podendo basear-se na orientação canónica (oeste-este), no alinhamento, inclinação, fratura ou espaço disponível num substrato rochoso ou mesmo alinhamento de outras sepulturas. A mesma diversidade se verifica na implantação das sepulturas, podendo surgir em locais ermos ou associadas a templos, isoladas ou em autênticas necrópoles. O trabalho de escavação da sepultura poderia demorar cerca de dois ou três dias, período de tempo que coincidiria com o velório do defunto. Após a morte, o corpo era lavado num banho ritual que ocorreria na casa do defunto ou, mais tarde, no cemitério antes de ser sepultado. Envolto num simples sudário, o corpo era deposto com o dorso deitado sobre o fundo, sem qualquer objeto de uso comum ou de caráter ritual.

O aspeto final das pequenas necrópoles era marcado pelo anonimato total, num quadro de despersonalização do ritual funerário, que se verificou durante parte significativa da Idade Média.

Em relação ao concelho de Penalva de Castelo, são inúmeros os exemplares identificados, sendo sobretudo sepulturas antropomórficas para adultos. Como local de visita, e a título de exemplo, recomenda-se a necrópole de S. Pedro, contígua à Igreja Matriz de Castelo de Penalva e a da Eirinha [Esmolfe].

47. Anta do Penedo do Com (vista interior)

ROTA DOS AMBIENTES RURAIS

A Rota dos Ambientes Rurais tem início na Igreja Matriz de Castelo de Penalva ou de S. Pedro, tendo como tema central o rio Dão e o ambiente rural que o rodeia. O percurso permite a descoberta de numerosos tesouros paisagísticos, patrimoniais e etnológicos, presentes nas pequenas povoações que se espalham por este território, repleto de locais de rara beleza.

Ao longo do percurso, é possível conhecer e usufruir de inúmeros testemunhos vivos da história, com destaque especial para o vasto património arqueológico, religioso e artístico: os caixotões do teto da Igreja de S. Pedro, as duas telas da escola de Grão Vasco e a Capela de S. Sebastião [Castelo de Penalva]; as capelas de Nosso Senhor da Agonia (seiscentista), de Nossa Senhora da Saúde e de S. Francisco [Amiais]; a Quinta do Salgueiral, com a sua abadia, várias alminhas, a Laje das Pinguinhas, os fornos – que antigamente confecionavam o delicioso pão – e a estrada, parcialmente lajeada, que desemboca na denominada Ponte Romana ou Ponte do Castelo, junto a um parque de lazer, onde poderá repousar e deleitar-se com a paisagem envolvente.

TERRITÓRIO

Este percurso atravessa uma paisagem muito diversificada e com um forte cunho beirão, destacando-se os pequenos espaços agrícolas, implantados num território dominado por majestosos blocos graníticos e bordejado de verdejantes soutos e pinhais.

Para além da produção vinícola, que pontua esta paisagem, a cultura da oliveira (a "mais prestigiada árvore mediterrânica") e o trabalho da extração do azeite marcam fortemente a economia do concelho de Penalva do Castelo. Atribuindo-se, maioritariamente, aos romanos a herança dos sistemas e métodos empregues na extração do azeite no nosso país, esta iguaria, para além dos usos alimentares, era amplamente utilizada em unguentos, na medicina, perfumaria e inumações.

48. Videira (*Vitis vinifera*) - à esquerda
49. Vinhas (Pindo) - em baixo

50. Rota dos Ambientes Rurais (percurso pedestre)

Nos primórdios da sua expansão, a oliveira aparece associada a culturas delicadas junto às povoações: partilhou depois, com outros tipos de culturas, espaços agrários mais amplos, difundindo-se e imiscuindo-se por áreas rochosas e terrenos esqueléticos, testemunhando um dos mais surpreendentes e épicos desafios travados pelo Homem com as condições adversas do ambiente.

Apesar de destruir os tenros ramos e, consequentemente, diminuir a formação de novos rebentos, o processo mais frequente da apanha da azeitona é o varejo, praticando-se ainda, embora mais raramente, o seu ripamento à mão ou com o auxílio de um ripo – pequeno pente de madeira de cabo curto – manejado com uma só mão. Nos dias solarengos de outono, as mulheres habilmente dispõem os panais sob as oliveiras e os homens sobem aos seus ramos, com o auxílio de escadas, e, com varas compridas, varejam a azeitona, ripam-na ou colhem-na à mão, recolhendo-a para o interior de cestos. Ao fim do dia, num espaço aberto e arejado, a azeitona é limpa, atirando-a ao vento com pás de madeira ou cirandas, de modo a libertá-la de folhas e outras sujidades.

Ao longo do rio Dão e de pequenas ribeiras afluentes, os pitorescos moinhos de água pontuam a paisagem, juntamente com os peculiares fornos comunitários, onde os habitantes cozem o saudável e saboroso pão, mantendo apenas um em funcionamento [Cantos, Castelo de Penalva].

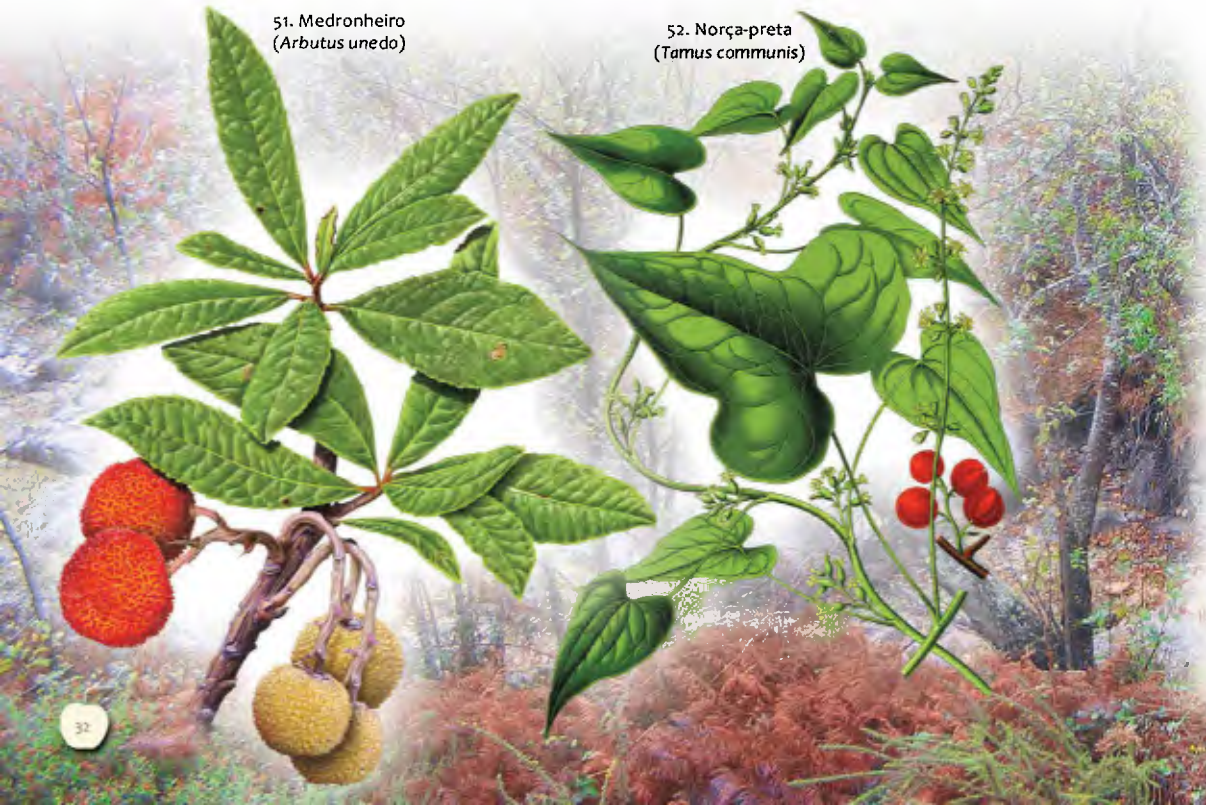
FAUNA E FLORA

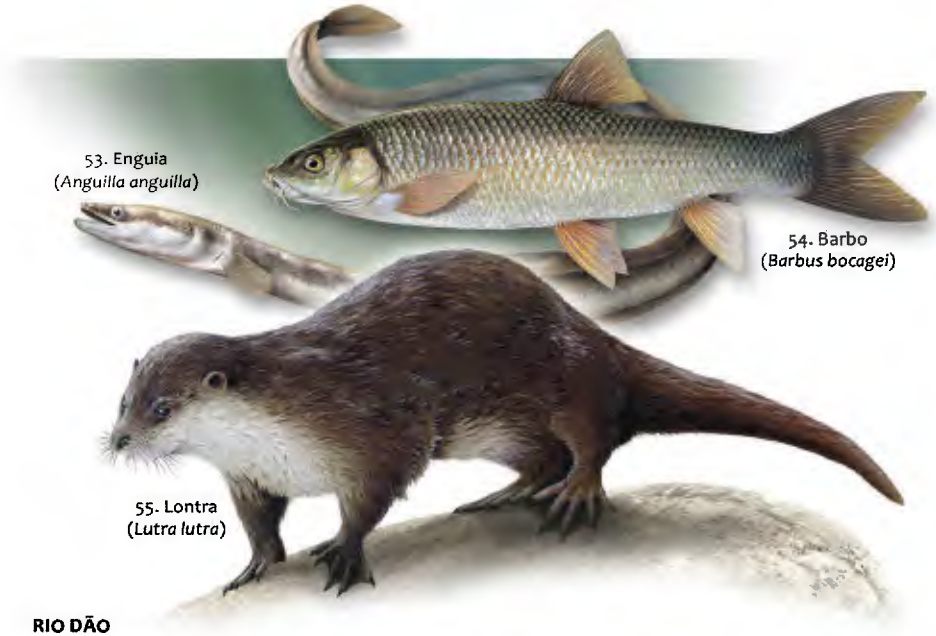
A Rota dos Ambientes Rurais permite-nos um contacto privilegiado com a natureza, composta por uma fauna e flora diversificada, observável ao longo do percurso, culminando numa paisagem deslumbrante. Esta apresenta inúmeras formações geológicas graníticas que afloram à superfície e que favorecem a presença de uma biodiversidade que lhe é própria, como os répteis, líquenes e crassuláceas com porte rasteiro e folhas reduzidas e carnudas.

Nas vastas áreas florestais, as espécies arbóreas predominantes são o pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), eucaliptos (*Eucalyptus globulus*), oliveiras (*Olea europaea*), carvalhos (*Quercus robur* e *Q. pyrenaica*) e castanheiros (*Castanea sativa*). Quanto às espécies arbustivas, salientam-se os tojos (*Ulex europaeus* e *U. minor*) e, em menor grau, queirós (*Calluna vulgaris*), torga (*Erica umbellata*), urze branca (*Erica arborea*), estevinha (*Cistus salvifolius*), rosmaninho (*Lavandula pedunculata*) e exemplares isolados de medronheiros (*Arbutus unedo*).

Com menor frequência e de forma quase pontual, identifica-se a presença do trovisco (*Daphne gnidium*), ruda (*Adenocarpus complicatus*), gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), pilriteiros (*Crataegus monogyna*) e tintureira (*Phytolacca americana*), entre outras espécies.

Nas margens do rio Dão encontra-se a vegetação típica das zonas ribeirinhas como, por exemplo, os salgueiros (*Salix* sp.), amieiros (*Alnus glutinosa*) e freixos (*Fraxinus angustifolia*). A vegetação herbácea é rica e diversificada, proporcionando a existência de um ecossistema ribeirinho característico. De entre as espécies possíveis de identificar, salientam-se o feto-real (*Osmunda regalis*), o lodão-bastardo (*Celtis australis*), a cássia-branca (*Osyris alba*), a norça-branca (*Bryonia cretica*), a norça-preta (*Tamus communis*), a silva (*Rubus ulmifolius*), a hera (*Hedera helix*), a erva-do-mau-olhado (*Scrophularia scorodonia*), o feto-comum (*Pteridium aquilinum*), o mentastro (*Mentha suaveolens*), a violeta (*Viola riviniana*) e a gilbardeira, entre outras.





RIO DÃO

Afluente da margem direita do rio Mondego, o rio Dão é um curso de água de média dimensão que se desenvolve ao longo de 21Km pelo concelho de Penalva do Castelo, atravessando as freguesias de Castelo de Penalva, Sezures, Vila Cova do Covelo, Trancozelos e Pindo, e fortalecido pela Ribeira de Côja e Ribeira do Carapito. O Dão é um curso de água que prima pela biodiversidade e permite um contacto muito direto com a natureza, sendo inúmeras as espécies animais e vegetais autóctones que fazem do vale deste rio o seu *habitat* e lhe atribuem um valiosíssimo potencial paisagístico.

Nas águas do rio Dão habitam enguias (*Anguilla anguilla*), bogas (*Chondrostoma duriense*), bordalos (*Leuciscus pyrenaicus*), pimpões (*Carassius* sp.), carpas (*Cyprinus carpio*) e barbos (*Barbus bocagei*).

Ao longo do percurso, os olhares mais atentos podem observar diversas espécies da avifauna como, por exemplo, a perdiz-vermelha ou comum (*Alectoris rufa*), o gaio comum (*Garrulus glandarius*), a gralha-preta (*Corvus corone corone*), o corvo (*Corvus corax*), o melro-preto (*Turdus merula*), o pisco-de-peito-ruivo (*Eritathacus rubecula*), o chapim-azul (*Parus caeruleus*), o chapim-de-poupa (*Parus cristatus*), a poupa (*Upupa epops*), o estorninho (*Sturnus unicolor*) e o pardal-comum (*Passer domesticus*).

De mamíferos terrestres, pode-se observar o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europeus*), várias espécies de musaranhos, a toupeira (*Talpa occidentalis*), o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), a raposa (*Vulpes vulpes*), a doninha (*Mustela nivalis*), a fuinha (*Martes foina*) e o javali (*Sus scrofa*); no que se refere a anfíbios, a salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*), o tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*), o tritão-verde (*Triturus marmoratus*), o sapo-parteiro-comum (*Alytes obstetricans*), o sapo-corredor (*Bufo calamita*), o sapo-comum (*Bufo bufo*), a rela-comum (*Hyla arborea*), a rã-castanha (*Rana iberica*) e a rã-verde (*Rana perezi*).

Os répteis, contrariamente aos anfíbios, preferem áreas secas e expostas, de modo a atingirem a temperatura corporal apropriada para a sua atividade. Ao longo do percurso pode-se observar o sardão (*Lacerta lepida*), a lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*), a lagartixa-do-mato-comum (*Psammodromus algirus*), a cobra-de-pernas-de-três-dedos (*Chalcides striatus*), o licranço (*Anguis fragilis*) e a cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*), entre outros. A cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*) encontra-se associada a habitats aquáticos, ocorrendo principalmente junto a charcos, represas e cursos de água.

HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

A história das localidades, atravessadas por esta rota, remonta à Idade Média, numa época em que se reorganiza o território nacional e se fundam novas povoações.

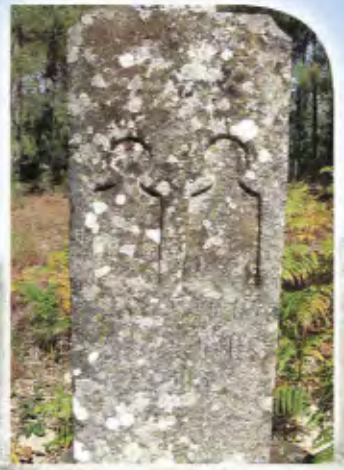
Situada num estratégico morro granítico, junto ao rio Dão, do qual se pode controlar todo o vale, bem como as principais vias de comunicação, a localidade de Castelo de Penalva era um ponto fulcral para o domínio de toda a área do enclave Dão-Mondego, sendo o berço do concelho de Penalva de Castelo e também o bastião que controlava e assegurava a paz na região. Neste local, foi edificada uma fortificação roqueira do período da Reconquista, sendo evidente o aproveitamento das condições naturais de defesa que o local oferecia. Nas zonas menos favoráveis, foram erguidos panos de muralha, de que restam apenas alguns troços visíveis do lado norte. Merece particular destaque o pequeno cabo de faca, em osso, aqui encontrado fortuitamente que, pelo seu material e decoração, poderá ser atribuído aos séculos XII-XIII.

No sopé do morro granítico, numa paisagem idílica, desenvolve-se, sobre o rio Dão, a ponte do Castelo, testemunho marcante da patine da antiguidade e dos inúmeros viajantes e mercadores que por aqui circularam, transportando bens e novidades das suas viagens.

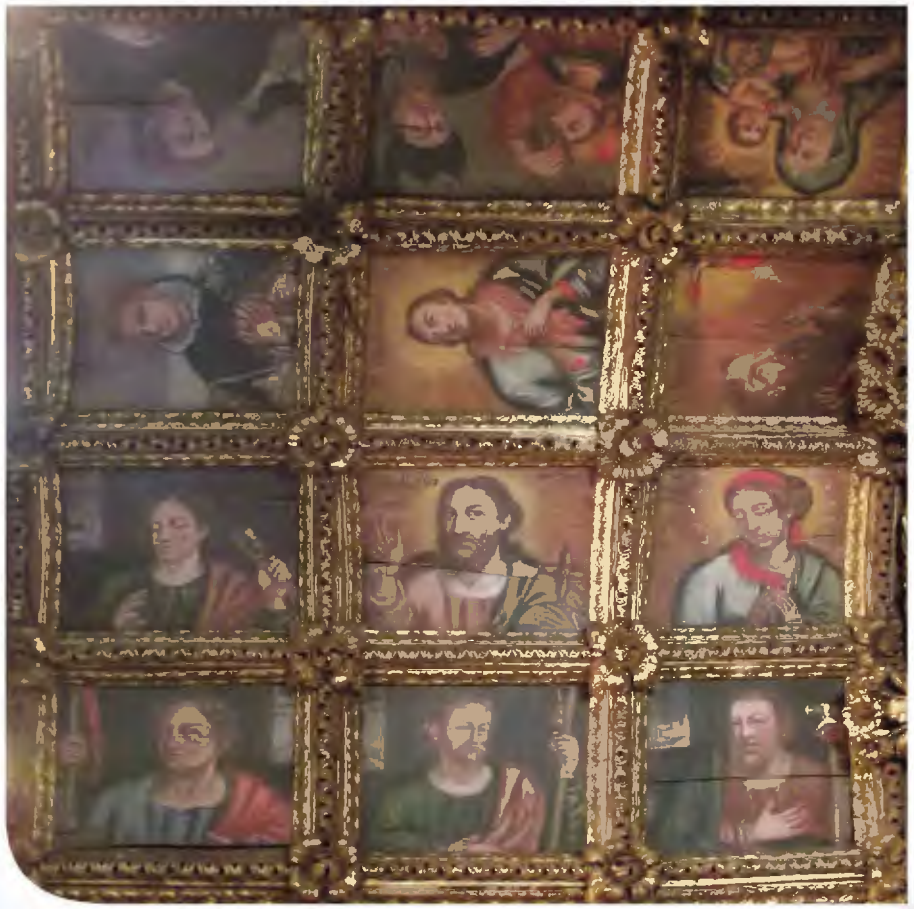
A escassas dezenas de metros do local onde se implantava o castelo roqueiro, junto à Igreja Matriz de S. Pedro, pejada de marcas de canteiro nas suas pedras, encontra-se parte de uma necrópole medieval com as suas estelas funerárias, composta por um conjunto de sepulturas escavadas na rocha, de configuração antropomórfica. A Igreja de S. Pedro, constituída por uma só nave, encontra-se bastante modificada, fruto das múltiplas alterações de que foi sendo alvo ao longo dos séculos, mantendo, no entanto, os característicos elementos românico-góticos. No seu interior, alberga dois painéis pertencentes a um políptico, fruto dos pincéis do pintor Gaspar Vaz [escola de Grão Vasco] que, nos finais do século XVII, foi desmembrado, dando lugar a um de formulário completamente distinto. Contíguo a este santuário, ergue-se a encantadora capela de S. Sebastião, edificada durante os séculos XII/XIII, de cariz maneirista e barroco.

Destaque especial para a quinhentista residência de verão dos abades de Castelo de Penalva, a Quinta do Salgueiral ou dos Abades que, na margem esquerda deste rio, luta contra o abandono e o consequente esquecimento.

56. Alminha
Vilar do Dão



57. Ponte "Romana" ou Ponte do Castelo
Castelo de Penalva



58. Caixotões do teto da Igreja matriz de S. Pedro (Castelo de Penalva)

As Terras de Penalva, depois de conquistadas aos muçulmanos, ficaram na posse da Coroa até ao reinado de D. Pedro I, voltando à sua posse no de D. João I. Em 1386, este monarca oferece-as, com todos os seus direitos e privilégios, a Martim Vasques da Cunha, prestador de valorosos serviços à causa portuguesa. Insatisfeito com as oferendas reais, converte-se ao lado castelhano, sendo os seus bens confiscados e integrados, novamente, na Coroa.

Ao percorrer este trilho, atente em cada pequeno pormenor patente na paisagem, nos caminhos, nos muros e nos diferentes exemplares de edifícios e descobrirá histórias e saberes vetustos.

ROTAS DE ESTRADA "LUGARES DA MEMÓRIA"

As rotas de estrada "Lugares da Memória" atravessam diversas localidades que se espalham pelo território do concelho de Penalva de Castelo, repletas de história, caráter e alma, conservando uma ruralidade que as carateriza e contendo inúmeros tesouros paisagísticos, patrimoniais e artísticos. De forma a poder desfrutar de todo este património, foram criados dois circuitos de estrada que abrangem todo o concelho, tendo como ponto de partida a setecentista Igreja da Misericórdia de Penalva do Castelo.

Siga a sinalética "Lugares da Memória": circuito 1 e/ou circuito 2 e venha descobrir e sentir um território marcado pelo rio Dão.

LUGARES DA **MEMÓRIA**: CIRCUITO 1

A rota "Lugares da Memória": circuito 1, com uma extensão de 41 km, desenvolve-se ao longo da área este do concelho, atravessando ambientes de pinhal e ambientes humanizados, com um forte cariz beirão, onde o visitante pode usufruir de um contacto muito próximo com o mundo rural e as principais produções agrícolas desta região, contemplando-se extensas vinhas, olivais e pomares de macieiras. Este circuito proporciona a visita a pitorescas aldeias, implantadas em paisagens de extrema beleza, algumas delas na confluência de rios e ribeiras, conciliando uma nobreza ancestral com as necessidades atuais.

Na pictórica localidade de Sezures, o visitante poderá optar por um itinerário alternativo, em direção a Campina, reduzindo a extensão do percurso inicial para 30 km e permitindo o contacto intrínseco com algumas das magníficas vinhas deste concelho e a admirável arquitetura popular beirã.

Em termos de património histórico, este circuito carateriza-se pela presença de riquíssimos vestígios da ocupação humana, desde a pré-história até aos nossos dias, encontrando-se perpetuados nas diversas pedras, muros e edifícios de beleza ímpar.

Da arquitetura religiosa, destaque especial para as capelas e igrejas da Misericórdia [Penalva do Castelo], de S. Pedro [Castelo de Penalva], de S. Sebastião [Castelo de Penalva], de S. João [Campina], de S. Nicolau [Matela], de Nossa Senhora da Graça [Sezures], de S. Domingos [Mareco], de Santo Amaro [Miuzela], de S. Vicente [Antas], de Nossa Senhora da Esperança [Vila Cova do Covelo], de Nossa Senhora da Conceição

59. Forno tradicional
Campina

60. Flor de macieira
Pomares de maçã Bravo de Esmolfe

61. Rota dos Lugares da Memória (Circuito 1)

e de Santo Ildefonso [Esmolfe], entre tantas outras de excecional beleza que demonstram e perpetuam a fé e as crenças destas gentes.

Deixe-se levar, desperte todos os sentidos e descubra o vasto património histórico e arqueológico (alminhas, cruzeiros, sepulturas e pontes medievais, Caminho dos Galegos [Mareco], Anta do Penedo do Com [Esmolfe], Castro de Paramuna [Esmolfe] e Casa dos Tavares de Pina [Quinta da Boavista, Castelo de Penalva]), os exímios artesãos (cestaria de Vales, latoaria de Matela e a escultura em pedra de Esmolfe), alguns exemplares das tradicionais e rústicas casas beirãs, os hábitos ancestrais que se refletem nos campos agrícolas, as várias feiras, festas e romarias (Santo Ildefonso [Esmolfe] [janeiro], do Pastor e do Queijo [fevereiro], da Música [maio e junho], das Vindimas [Sezures] [setembro] e da Maçã Bravo de Esmolfe [outubro]).

Aprecie e desfrute ainda da deslumbrante paisagem proporcionada pela pitoresca Vila Cova do Covelo, situada num anfiteatro natural, numa encosta que termina na confluência dos rios Carapito e Dão. Debruçada sobre o vale do rio Dão, a encantadora aldeia de Matela é, pelo seu posicionamento geográfico, um miradouro natural, com uma vista arrebatadora sobre um território de vincados contrastes, testemunhados pela dureza dos blocos graníticos e pela beleza dos notáveis campos agrícolas, polvilhados de velhos casarios.

LUGARES DA MEMÓRIA: CIRCUITO 2

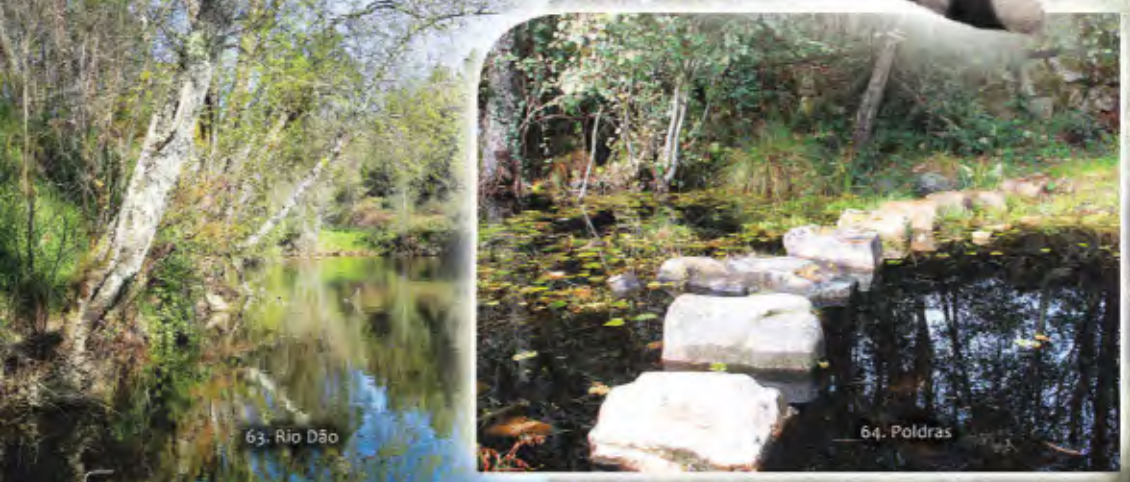
Cruzando a área oeste do concelho, a rota "Lugares da Memória": circuito 2, com cerca de 34km, dá ênfase ao contacto com as magníficas vinhas e o extraordinário rio Dão, cujas margens e curso de água apresentam fortes marcas da sua utilização pelo Homem, enquanto recurso natural.

Para contactar de forma intrínseca com as riquezas desta região, o visitante poderá optar por realizar dois pequenos desvios que o conduzirão a Pindo de Cima e a Corga, locais que se destacam pela paisagem sublime, pelos belíssimos solares do século XVIII, pelas afamadas adegas de vinho [Adega de Corga] e, acima de tudo, pelas suas gentes afáveis e acolhedoras.

Este circuito, em termos de património histórico e arqueológico, ostenta interessantes e riquíssimos vestígios da ocupação humana no território do atual concelho de Penalva do Castelo, destacando-se, na arquitetura religiosa, um importante e diversificado conjunto de alminhas, cruzeiros, igrejas e capelas, dotadas de admiráveis exemplares de arte sacra (Igreja de Nossa Senhora da Assunção [Lusinde], S. Genésio [Ínsua], de S. Cosme e de S. Damião [Germil], de S. Salvador [Trancozelos], da Senhora do Ó [Pindo] e a capela de Nossa Senhora dos Remédios [Real]).

Na localidade de Corga, Gonçalo Esteves de Tavares e a sua segunda esposa – Leonor Rodrigues de Vasconcelos – fundaram, junto à igreja que mandaram edificar, no ano de 1349, um hospital e um mor-

62. Geneta
(*Genetta genetta*)



63. Rio Dão

64. Poldras

65. Rota dos Lugares da Memória (Circuito 2)

gado para vinte e quatro pobres honrados. Preservando ainda a sua arquitetura gótica, a capela da Senhora do Ó detém, no seu interior, três arcossólios, onde provavelmente seriam sepultados, em distintos sarcófagos, o casal fundador e o sobrinho e herdeiro, Pêro Esteves de Tavares.

Em Trancozelos, destaque especial para o singular Mosteiro da Ordem de Santo Sepulcro e a ponte medieval que se lhe encontra associada. Em 1844, com a extinção das ordens religiosas, a propriedade é adquirida por João Albuquerque de Melo Pereira Cáceres, senhor da Casa da Ínsua.

Deixe-se levar e descubra o vasto património histórico e arqueológico esculpido neste território. O magnífico pelourinho de Penalva do Castelo, reconstruído em 1940; o interessante conjunto de sepulturas [Sereia, Ínsua; Avelal, Lusinde; Capela de S. Marcos, Real, Igreja de Pindo e Mosteiro do Santo Sepulcro, Trancozelos] e pontes medievais; a Casa da Ínsua ou Solar dos Albuquerques, construída na segunda metade do século XVIII, a Casa dos Cabrais [Germil], a Casa Menezes e a Magalhães Coutinho [Penalva do Castelo], a Casa de Côje [Côje] e a Casa de Santa Eulália ou Solar dos Malafaias [Pindo]; o Solar do Visconde do Banho [Real], também denominado Solar dos Castilhos ou Quinta da Aveleira; a central hidroelétrica da Ponte de Porcas [Ínsua] que, antigamente, forneceria a energia necessária para o bom funcionamento da Casa da Ínsua, um dos *ex-libris* deste concelho.

Percorra cada recanto deste maravilhoso território e contacte com as admiráveis gentes que mantêm vivos os seus costumes, através dos notáveis artesãos (latoaria de Pindo, queijaria de Germil e entrançados de cordas e madeira de Pindo) e dos grupos de música tradicional que animam inúmeras feiras, festas e romarias (Encontro de Tunas [Pindo] [julho], romaria de S. Matias [Trancozelos] [maio], Festas do Concelho [25 de agosto], de Nossa Senhora da Assunção [Lusinde] [setembro], Festa da Castanha e do Vinho [Pindo] [novembro] e S. Paulo [Real] [25 de janeiro]).

CRÉDITOS

66. Libélula
(*Libellula depressa*)

ILUSTRAÇÃO

Alfredo Roque Gameiro (*) - 18
Archibald Thorburn (*) - 25, 29, 30, 32, 43
Horto van Houtteano (*) - 48
John G. Keulemans (*) - 2, 15, 23, 24
Nuno Farinha - 5, 6, 7, 13, 21, 28, 34, 37, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54, 55, 61, 62, 65, 66, 67
Walter Muller (*) - 16, 33, 38, 52
William Curtis (*) - 35

(*) Coleção / Imagoteca particular de Nuno Farinha

FOTOGRAFIA

Carla Santos e Nádia Figueira (ArqueoHoje Lda.) - 9, 10, 11, 20, 26, 27, 31, 49, 56, 57, 58, 59, 64
Município de Penalva do Castelo - 17; Nuno Farinha - 1, 3, 4, 8, 12, 14, 19, 22, 36, 39, 47, 60, 63, 68

67. Lagartixa-do-mato-comum
(*Psammodromus algirus*)

Agenda de **eventos e iniciativas sobre o património de Penalva do Castelo em**

www.cm-penalvadocastelo.pt

68. Rio Dão